

## *Em memória de Lúcio Craveiro da Silva* Licínio Chainho Pereira\*

Solicitou-me o Presidente do Conselho Cultural da Universidade do Minho (UM), Professor Viriato Capela, um texto que se inserisse na homenagem que o mesmo Conselho pretende muito justamente prestar ao Professor Doutor Lúcio Craveiro da Silva.

Não me cabe neste simples depoimento, e nem eu teria competência para tal, discernir sobre a vastíssima obra de investigação filosófica ou a respeito do pensamento do cientista Lúcio Craveiro da Silva, nos campos da filosofia e cultura, da ética e da filosofia social e política. Limitar-me-ei a historiar um pouco sobre a experiência vivida directa ou indirectamente com o Professor Lúcio, ao longo dos anos em que tive o privilégio de ser seu amigo e colaborador.

Mas, para além desse desiderato, porventura modesto, o meu testemunho não pode deixar de constituir um reconhecimento de gratidão ao grande vulto da cultura humanística e filosófica, ao prestigiado pedagogo e professor universitário e ao "obreiro" e gestor de Instituições de Ensino Superior, em Portugal, na segunda parte do século XX.

---

\* Antigo Reitor e Professor Catedrático da Universidade do Minho.

Será a minha singela mas sentida homenagem ao académico e ao investigador que procurou incessante os caminhos da verdade filosófica, sem abdicar da sua iluminada verdade teológica.

E será também o tributo ao homem e ao cidadão, cuja simplicidade e aparente modéstia ocultavam uma transcendente dimensão humana e uma sabedoria superior do mundo e da vida, consagrada numa obra fascinante que nos legou, fruto de um pensamento profundo e sempre renovado.

Acresce que o seu devotado apego à Universidade do Minho, – e à Faculdade de Filosofia da Universidade Católica – a sua consciência ética e espírito universitário e o seu invulgar sentido de missão ao serviço da Universidade, são testemunhos credores da maior admiração e respeito pela sua memória.

Deu-nos Deus o privilégio de com ele conviver e aprender, em troços significativos do percurso da sua longa vida repleta de desafios e de sucessos.

Conheci o Prof. Lúcio Craveiro da Silva, a escassos dias antes do 25 de Abril de 1974. Na altura, eu estava em Portugal, vindo de Lourenço Marques, para apresentar uma comunicação na *International Conference on Excited States of Biological Molecules*, realizada de 18 a 24 de Abril de 1974, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Na sequência do convite que o Professor Carlos Lloyd Braga me dirigiu para ingressar na UM – feito ainda em Lourenço Marques, antes da sua partida para Lisboa para assumir a direcção da nova Universidade minhota – desloquei-me então a Braga, a seu pedido. O Reitor apresentou-me aos elementos da Comissão Instaladora, onde se integrava o Prof. Lúcio Craveiro da Silva, ainda me recorde, na Sala do Arcaz do Arquivo Distrital, onde funcionavam, numa primeiríssima fase, as reuniões da Comissão Instaladora da Universidade do Minho (CIUM).

Estava eu longe de saber que o Padre Lúcio Craveiro era portador de três licenciaturas – em Filosofia, pela Faculdade de Filosofia, (Oña – Burgos), em Ciências Económicas pela Universidade de Deusto e em Ciências Políticas e Sociais pela Universidade Católica de Lovaina, e que era doutorado pela Faculdade de Filosofia de Braga.

Na altura, confirmei a minha aceitação para o desafio que era o de planear e instalar um Departamento de Física e um núcleo de investigação em Física na nova Universidade do Minho e, meses mais tarde, tive o privilégio de conhecer melhor o Professor Lúcio, que era um influente e activo membro da CIUM, com delegação, entre outros, para os assuntos relativos aos futuros cursos e departamentos dos domínios das Letras e Artes, das Ciências Sociais e da Economia, Gestão e Administração, acumulando até 1976 a direcção da Faculdade de Filosofia de Braga.

Carlos Lloyd Braga, certamente sabedor da obra de Lúcio Craveiro, em particular na vertente de gestão de Estabelecimentos de Ensino Superior, não teve dúvidas em desafiá-lo para o ambicioso projecto de instalação da Universidade do Minho. É que, já nessa altura, Lúcio Craveiro tinha instalado e dirigido, de 1964 a 1971, o Instituto Superior Económico e Social de Évora. Tal deve ter constituído uma experiência inovadora e certamente não isenta de dificuldades, basta ter em consideração que estamos a falar na criação e arranque de uma Instituição de Ensino Superior em Portugal, numa época em que apenas existia a Universidade de Coimbra, duas Universidades em Lisboa, e a Universidade do Porto, para além dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique e de Angola. E após aquela iniciativa, o Professor Lúcio, que já havia dirigido a Faculdade de Filosofia de Braga na década de 50, tinha regressado a Braga onde era Director da mesma Faculdade, desde 1971, tendo contribuído para a sua oficialização no âmbito da recém-criada Universidade Católica Portuguesa<sup>1</sup>.

## A acção do Professor Lúcio Craveiro na Comissão Instaladora e na Reitoria da UM

Lúcio Craveiro foi empossado como vogal da CIUM em 17 de Fevereiro de 1974. Esta Comissão sofreu várias alterações até ao seu termo, no final de 1981. O Professor Lúcio Craveiro e o Professor J. Pinto Machado foram os únicos que se mantiveram na Comissão, desde o seu início até ao último dia, tendo o Professor Lúcio presidido à CIUM, a partir do Verão de 1981.

Com a saída do Professor Freitas do Amaral da Comissão Instaladora, no fim do ano de 1974, Lúcio Craveiro passaria a ser o único Professor na CIUM da área de Ciências Humanas e Sociais.

É de salientar a notável intuição de Carlos Lloyd Braga no campo da defesa do património histórico e da promoção de uma política de abertura da Universidade à cultura, ao escolher de imediato para a sua equipa o Professor Lúcio, já então com um estatuto indiscutível no panorama da Cultura portuguesa.

Curioso também é saber como Lúcio Craveiro<sup>2</sup> evocou mais tarde o seu encontro com Lloyd Braga, na altura desse convite:

“... pude logo vislumbrar que ele era um universitário de corpo inteiro, com ideias amplas e construtivas, que apreciava as humanidades, o que eu julgava raro num engenheiro, e parecia encantado com a sua missão de criar uma Universidade”.

Naturalmente que o Reitor Carlos Lloyd Braga delegou nele os dossiers de planeamento de cursos e de contratação de pessoal docente e investigador das áreas Humanísticas, em particular nos domínios das Letras e Artes, de Ciências Sociais e de Administração e Gestão, núcleos que mais tarde haviam de dar origem ao Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH), à Escola de Economia e Gestão, ao Instituto de Ciências Sociais e à Escola de Direito.

Recordo que foi sobre o impulso e coordenação de Lúcio Craveiro que se iniciaram os primeiros cursos de bacharelato em ensino de Português e Inglês e em ensino de Português e Francês, cursos que se reestruturaram em Licenciaturas, a partir de 1978. Também foi da inteira responsabilidade do Professor Lúcio o curso de Línguas Vivas e Relações Internacionais, aprovado por Despacho conjunto do Secretário de Estado do Ensino Superior e Secretário de Estado de Orientação Pedagógica.

Em 1978 este curso foi reestruturado em uma licenciatura de Relações Internacionais, a qual deu origem, mais tarde, a dois ramos da Licenciatura de Relações Internacionais – ramo Relações Económicas e Políticas e ramo Relações Culturais e Políticas – curso pioneiro nas Universidades Portuguesas e posteriormente adoptado por diversas Universidades públicas e privadas.

Olhando na distância do tempo, não deixa de ser assinalável que, muitos anos depois, o ILCH viesse a criar a Licenciatura de Línguas Estrangeiras Aplicadas, recuperando muitas aspirações do curso de Línguas Vivas.

Mas para além do planeamento daqueles cursos e contratação de pessoal docente qualificado – e a qualificar – foi ainda da sua responsabilidade a criação e direcção inicial da Unidade Científico-Pedagógica de Letras e Artes, futuro ILCH, instalada inicialmente no edifício da UM da rua D. Pedro V, cobrindo no começo as áreas disciplinares de Estudos Portugueses, Estudos Ingleses, Estudos Franceses e Filosofia e Cultura. Ficou igualmente bem fundamentada a pretensão Lúcio Craveiro de apostar numa Licenciatura em História e Arqueologia, dado o potencial bibliográfico da Biblioteca Pública de Braga e do Arquivo Distrital, aliado ao programa de salvamento arqueológico das ruínas de Bracara Augusta, que a Universidade do Minho tomou em mãos. Perdeu-se nessa altura a oportunidade de criação do curso, por razões de “políticas de capelinha” localizadas em Lisboa, mas ficaram os estudos – coordenados pelo Prof. José Mattoso<sup>3</sup> – que serviram mais tarde de incentivo e suporte para o lançamento de licenciaturas nos domínios de História e Ciências Sociais e de Arqueologia na UM.

Não foram fáceis os primeiros tempos de instalação da Universidade do Minho, dadas as enormes carências de pessoal docente doutorado nas várias áreas, em especial nas áreas de Ciências Humanas, que o Prof. Lúcio dirigia, a que se aliou a incerteza política do chamado PREC (processo revolucionário em curso). Lúcio Craveiro teve que se desdobrar em contactos por todo o País, tentando chamar para a UM os melhores professores, quer como pessoal contratado, quer na condição de professores colaboradores, o que conseguiu realizar em tempo recorde com enorme sucesso.

Teve ainda de enfrentar situações complicadas na Faculdade de Filosofia, originadas pelo clima político tenso dos primeiros anos da instauração da democracia em Portugal.

Um dos episódios preocupantes trazido pela anarquia política reinante foi o do movimento de alguns alunos da Faculdade de Filosofia que pretendiam ingressar na UM. Com efeito, uma auto proclamada *Associação de Estudantes*

e *Professores Progressistas* daquela Faculdade apresentou reiteradamente à UM a ideia de um projecto de intervenção político-cultural<sup>4</sup>, que pretendia, mais ou menos veladamente, a integração na UM, projecto que chegou a ser então discutido com representantes da UM a nível do MEIC (Ministério da Educação e Investigação Científica), e só esmoreceu após a estabilização da situação política trazida pelos resultados das primeiras eleições livres, após o 25 de Abril.

Pode constatar-se que em todo este dossier o Prof. Lúcio Craveiro, vogal da CIUM e Director da Faculdade de Filosofia, revelou uma extraordinária isenção e um exemplar sentido de ética universitária, escusando-se sempre em participar ou mesmo a estar presente nas reuniões da CIUM em que o assunto era analisado<sup>5</sup>.

Mas a acção de Lúcio Craveiro na linha da frente dos destinos da UM ainda seria mais preponderante, após a saída de Carlos Lloyd Braga do lugar de Reitor. A Universidade ficou então nas mãos dos dois Vice-Reitores de Lloyd Braga, o Professor Barbosa Romero – como Reitor em exercício – e o Professor Lúcio Craveiro.

No Verão de 1981 o Professor Barbosa Romero decidiu sair da Reitoria e aceitar uma comissão de serviço no LNETI (Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial), então dirigido pelo Professor Veiga Simão. Sucederia naturalmente, e de pleno direito, na Reitoria, o Professor Lúcio Craveiro, que aceitou responsabilmente ficar ao leme da Instituição a que tanto se dedicava.

Recordo que, nesse Verão de 1981, ele assumiu o lugar de Presidente da Comissão Instaladora, a qual recompôs, integrando-me a mim e ao Prof. Lopes Nunes na equipa da CIUM.

Na ocasião chamou-me à sua residência da Rua de S. Barnabé e convidou-me formalmente para integrar a sua equipa, tendo-me então afirmado que julgava importante prosseguir e alargar a discussão do futuro da Universidade e, em particular, promover um esforço adicional no desenvolvimento das Unidades não formais de ensino e investigação – mais tarde designadas por Unidades Culturais – delegando-me especificamente, desde logo, a direcção do Projecto de Educação de Adultos que atravessava algumas dificuldades de afirmação e

de relacionamento entre a parte portuguesa e a parte sueca, co-financiadora do projecto através da Autoridade Internacional Sueca de Desenvolvimento.

No final desse Verão, foi o Prof. Lúcio chamado pelo Ministro da tutela, Prof. Vítor Crespo, para ser nomeado Reitor. Foi então que ele protagonizou um gesto histórico de afirmação que iria abalar profundamente a autonomia e a governação das Universidades Portuguesas. Não se opondo à nomeação, exigiu, todavia, ser eleito pela academia como condição *sine qua non*. O Ministro concordou e a UM organizou o competente acto eleitoral.

Não se tratou, contudo, de um mero plebiscito ou referendo mas sim de um processo eleitoral devidamente organizado e regulamentado, sendo a eleição efectuada por votação nominal secreta e universal, em que, à partida, eram elegíveis todos os Professores catedráticos de carreira na UM.

O Professor Lúcio venceu as eleições por larga maioria e apresentou formalmente o dossier ao Ministro competente que o nomeou como Reitor da Universidade do Minho. Passou a ser o primeiro Reitor eleito das Universidades Portuguesas, o que, conseqüentemente, legitimou a partir de então a exigência da eleição para todos os Reitores, ideia que viria a ser consagrada na futura Lei de Autonomia Universitária, de 1988.

Escolheu para Vice-reitores os Professores Sérgio Machado dos Santos que presidia, até então, ao Conselho Científico da UM (CCU) e o Prof. João de Deus Pinheiro, responsável pelo Gabinete Executivo das Instalações Definitivas (GEID).

Recordo que tendo eu aceitado integrar a equipa de Lloyd Braga de instalação do Instituto Politécnico de Faro, poucos meses após a posse reitoral, o Prof. Lúcio negociou com o Prof. Lloyd Braga o meu regresso a Braga e convidou-me para integrar a sua equipa de Vice-Reitores, a partir de Março de 1983. Posso testemunhar que na altura ele teve que remover difíceis obstáculos para a nomeação de um terceiro Vice-Reitor, pois tal ainda não era usual antes do início da vigência da autonomia das Universidades.

Durante o seu reitorado manifestou-se um hábil e intransigente negociador dos interesses da UM junto à tutela, tendo mantido o ritmo de crescimento quanti-

tativo e qualitativo da Instituição, embora com enormes carências orçamentais características do impasse político que se verificava na primeira metade da década de 80.

Ficou conhecido um episódio de discussão orçamental com a tutela em que ele conseguiu provar que um montante de 80.000 contos que foi “desviado” para outra Universidade, devia ter vindo para o orçamento da UM. Usando o erro reconhecido pela tutela, dirigiu-se ao Ministério das Finanças e conseguiu, mesmo fora do prazo, que a UM fosse parcialmente ressarcida, como nos relata na página 85 da já citada obra *Bibliografia da Universidade*:

“... Uma vez... “roubaram-me” 80.000 contos que eram para a Universidade do Minho e foram para a Universidade de Lisboa. Depois de meia hora de discussão convenceram-se que eu tinha razão... fui ao Ministério das Finanças acompanhado com o administrador: contei ao Ministro o caso, pedi 5 mil contos por um lado e 12 mil por outro... não apanhei o dinheiro todo, mas... a parte suficiente para pagar aos funcionários no mês seguinte...”.

Apesar da austeridade orçamental instalada a nível de Governo, foi possível ao Reitor Lúcio Craveiro consolidar os cursos de licenciatura e lançar os primeiros cursos de pós-graduação, incluindo o arranque de três cursos de mestrado na UM.

Relativamente às instalações definitivas conseguiu a UM, no seu mandato, a autorização da tutela para a aquisição de terrenos em Azurém, tendo também já assegurados 22 hectares de terrenos em Gualtar.

Era o sinal verde, imprescindível e vital, para a continuação do projecto de construção das instalações definitivas da Universidade, nos dois pólos.

Sublinhe-se que no último ano do seu mandato reitoral<sup>6</sup> estavam a funcionar três cursos de mestrado, dezassete licenciaturas, dez Centros de Investigação, seis Unidades Pedagógicas e cinco Unidades Culturais.

A nível interno verificou-se que a sua sábia maneira de gerir a Instituição, escutando os órgãos e as pessoas, trabalhando com determinação inesgotável e férrea força de vontade, criou na academia um bom ambiente de trabalho

e serenidade que ajudaram a pacificar a vida da Instituição, a estabilizar os projectos e a criar expectativas positivas em relação ao futuro próximo.

No dizer do Prof. V. Aguiar e Silva<sup>7</sup>, ele foi o Reitor da sabedoria e da prudência, e passo a citar: "... Tendo assumido o governo da Universidade num período de alguma conturbação e fragilidade internas, ele foi o Reitor da sabedoria e da prudência... tendo justamente ganho uma autoridade moral que continua a ser um valor inestimável na Universidade do Minho...".

É óbvio que o ritmo de crescimento da UM estava longe de corresponder à crescente procura e que as dificuldades a vencer eram gigantescas e por vezes inultrapassáveis, dada a falta de financiamento compatível com um crescimento em qualidade, em especial ao nível das instalações, dos laboratórios e dos equipamentos de investigação e meios bibliográficos. O desgaste do Reitor, neste clima de crise económica foi duplamente sacrificado. O salto qualitativo já não veio a horas do seu mandato. Apenas após a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, em 1986, foi possível dar passos decisivos na modernização das novas (e das velhas) Universidades portuguesas, através dos fundos estruturais de Bruxelas, a que as Universidades podiam aceder por concurso.

Relembro que foi durante o seu mandato de Reitor que me foram delegadas competências, como Vice-Reitor, para coordenar as actividades das Unidades Culturais como um conjunto coerente de unidades orgânicas de extensão universitária com gestão própria e diferenciada da malha de ensino e da malha técnico-administrativa.

No final do mandato estavam então a funcionar as seguintes daquelas unidades: *Arquivo Distrital de Braga*, dirigido por Egidio Guimarães, *Biblioteca Pública de Braga*, dirigida por Henrique Barreto Nunes, *Unidade de Educação de Adultos*, sob a direcção adjunta de Licínio Lima, *Unidade de Arqueologia*, sob a direcção de F. Sande Lemos e *Casa Nogueira da Silva*, cujo responsável era então o Arq.<sup>10</sup> Luís Mateus.

Após a sua jubilação em Novembro de 1984, o Doutor Lúcio Craveiro da Silva, Professor catedrático da Universidade do Minho desde 1976, continuou a fazer da UM a sua casa de trabalho e de investigação.

O Professor João de Deus Pinheiro, o Reitor que lhe sucedeu, afirmou-lhe então que o Professor Lúcio passaria a ter o estatuto de Embaixador da Universidade do Minho. Lúcio Craveiro mostrou de imediato que não se iria conformar com uma reforma de lazer e continuou o seu trabalho na UM e na Faculdade de Filosofia, onde reassumiu o lugar de Director, de 1986 até 1994 – altura em que completou 80 anos – sendo ainda Director da Revista Portuguesa de Filosofia.

Na Universidade do Minho continuou a iluminar-nos com o seu pensamento, passando a integrar o Senado Universitário, criado na UM a título experimental<sup>8</sup>, com a participação de 30% de membros do exterior, muito antes da sua consagração na Lei da Autonomia Universitária. Passou também a presidir ao Conselho Cultural, órgão igualmente criado a título experimental, em 1985, por despacho reitoral, “como órgão de consulta no quadro da acção cultural da Universidade e de coordenação das Unidades Culturais.”

Mais tarde, o Conselho Cultural foi criado e instituído nos Estatutos da UM, “como órgão de consulta do Reitor e do Senado Universitário, no quadro da acção cultural da Universidade, e da coordenação das actividades das Unidades Culturais.”

O Professor Lúcio, que já vinha a exercer o cargo de Presidente do Conselho Cultural do órgão inicial, continuou a presidir ao Conselho Cultural previsto nos Estatutos da UM, até ao fim dos seus dias. Na realidade, Lúcio Craveiro continuou o seu trabalho de investigação e de direcção do Conselho Cultural, **durante um período de vinte e três anos após a sua jubilação**, o que diz tudo do seu inéxito empenhamento e esforço em prol do desenvolvimento da Universidade e do País.

Pessoalmente, confesso, tenho saudades desses tempos em que o Professor Lúcio ocupava o gabinete de Presidente do Conselho Cultural, junto ao Gabinete de Relações Públicas, na altura em que eu era Vice-Reitor da equipa de Machado dos Santos. Tornou-se quase um hábito diário acompanhar o Prof. Lúcio para tomarmos um cafezinho no Café em frente, à entrada do Largo do Paço, onde discutíamos assuntos vários, de serviço ou gerais da Universidade, e em que ele, com o café, não resistia a fumar o seu cigarrito.

Também frequentemente o Prof. Lúcio passava pelo meu gabinete, no corredor do primeiro piso do edifício, onde além de dois dedos de conversa, me falava com entusiasmo da investigação que estava a desenvolver ou em fase de publicação – Antero, Padre António Vieira, Francisco Sanches – não deixando nunca de me oferecer um exemplar autografado da sua última obra. Foi por essa altura que eu tive o privilégio de me ser oferecido o seu livro de poemas *Pégadas no Caminho*, facto que me surpreendeu agradavelmente por desconhecer o seu engenho para a poesia. Só tenho pena que Lúcio Craveiro nunca tivesse publicado toda a poesia que escreveu e que tivesse resolvido “apagar” parte desse tesouro<sup>9</sup>.

São tempos que recordo com alguma nostalgia, por ter tido a sorte de ter como amigo uma pessoa tão extraordinária.

Igualmente, durante o meu reitorado, nunca deixou de me apoiar e fazer propostas relativas ao seu pelouro do Conselho Cultural e discutir comigo vários assuntos de política e de gestão universitárias.

Lembro-me do seu grande interesse em criar uma Unidade Cultural, em Guimarães – na verdade, era surpreendente que não existisse pelo menos uma Unidade da matriz cultural no segundo pólo da Universidade. Por discussões entre ele, o Vice-Reitor Prof. V. Aguiar e Silva, o Vice-Reitor Prof. Carlos Bernardo e eu próprio, envolvendo ainda o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, foi criada e instalada, em Guimarães, no último ano do meu mandato a Unidade Cultural *Casa Sarmento, Centro de Estudos do Património*, facto que lhe agradou sobremaneira.

Também por essa altura, foi possível estabelecer uma outra Unidade Cultural, esta em Monção, que foi então designada por *Casa Museu de Monção*, na sequência da cedência à UM de um valioso legado, em cujas negociações estive envolvido com o Prof. Lúcio, bem como o Vice-Reitor Prof. V. Aguiar e Silva, o Dr. César Valença e o Eng. Aguilar Monteiro.

Muito terá contribuído para o sucesso do legado de Monção o facto de ter ocorrido com transparência e elevada competência o processo de integração na Universidade do Minho da Casa Nogueira da Silva, à frente da qual esteve o Dr. César Valença, para cima de 17 anos, e que se desdobrou em contactos com a família legatária, em particular com a Senhora D. Maria Teresa Andrade

Martins Salgueiro, para lhe mostrar como funcionava, e como se integrava na Universidade, o Museu Nogueira da Silva e o Centro de Estudos Lusíadas. A Universidade do Minho muito ficou a dever à desinteressada e influente acção de César Valença por aquela iniciativa e pelo exemplar desempenho na direcção do Museu Nogueira da Silva.

O anúncio da criação destas duas últimas Unidades Culturais – que elevou então para oito o número daquelas estruturas – foi feito na Semana Cultural da Universidade do Minho<sup>10</sup>, realizada de 21-25 de Janeiro de 2002, cuja organização o Prof. Lúcio Craveiro coordenou exemplarmente em nome do Conselho Cultural, trazendo até nós o Professor Adriano Moreira que apresentou no Salão Medieval uma notável conferência intitulada: *Luzes e Sombras da Universidade*. Também Sérgio Machado dos Santos proferiu aí a conferência *Universidade do Minho: missão a visitar?*

## Nota final

Da nobreza de carácter e forte personalidade de Lúcio Craveiro da Silva, muito haveria a salientar, em consonância com o seu estatuto de pensador humanista, de cidadão atento de forte consciência cívica, de homem de diálogo e tolerância, simples na sua grandeza.

Duas das características a que nos habituou no seu dia a dia, e que não resisto a realçar, foram sempre a sua pontualidade e assiduidade.

Na verdade, nunca o Prof. Lúcio chegava atrasado a uma reunião ou a qualquer outro compromisso. Ficava indisposto só com a ideia de não estar presente a horas, para ele não havia a auto-desculpa do chamado quarto de hora de tolerância académica.

Por outro lado, nunca deixava de comparecer a qualquer acto ou evento para que fosse convidado, quer o mesmo fosse de carácter institucional ou de natu-

reza informal. No caso de ter dois convites para a mesma hora, o que acontecia com frequência, nunca deixava de telefonar a justificar a ausência a um deles, chegando mesmo ao ponto de assistir a parte de uma actividade e a parte de outra, na medida do possível.

Nas reuniões dos órgãos de gestão, era um orador convincente e persuasivo, capaz de desbloquear pontos de vista que pareciam inconciliáveis. Tantas vezes em reuniões do Conselho Científico ou do Senado, no calor das discussões académicas, em que o Professor parecia aparentemente alheado, como que a dormir, de repente pedia a palavra, sintetizava os argumentos contraditórios e propunha serenamente uma solução sensata e fundamentada, que vinha a ser aceite pelas partes em conflito e aprovada pelo plenário.

Outra das apreciáveis qualidades humanas de Lúcio Craveiro era a sua inquestionável lealdade à causa da Universidade do Minho e ao Reitor Lloyd Braga, ao qual o unia uma afectuosa e duradoura amizade.

O Prof. Lúcio referia-se metaforicamente à obra de Lloyd Braga de instalação da UM como um poema ou uma obra de arte.

Quando lhe solicitei um testemunho para a biografia de Carlos Lloyd Braga<sup>11</sup>, em Março de 2007, o Prof. Lúcio fez uma brilhante síntese da obra de Lloyd Braga e do seu projecto de Universidade para a UM, afirmando designadamente, e passo a citar:

“... Ora essa mesma ousadia criativa que engrandecia a sua visão da Universidade provinha da sua invulgar riqueza interior que não se limitava a ser... um magnífico construtor de estruturas materiais mas enriquecia o seu trabalho com um calor e uma perspectiva humana e pessoal que dotava o seu lugar de primeiro reitor com um valor criador bem próprio e inspirado que fazia da sua obra qualquer coisa de semelhante a um poema de inspiração cultural ou a uma obra de arte”.

E mais à frente, no mesmo depoimento, “É que todos os que conviviam com ele o apoiavam porque temiam não só o fracasso de uma universidade fragilizada mas igualmente a dor que adivinhavam no Prof. Lloyd Braga; se isso acontecesse seria como destruir perante ele, o seu poema ou a sua obra de arte...”.

Conforme transparece de algumas das suas afirmações, a seguir documentadas, ele foi o defensor acérrimo da missão da Universidade como “o lar da cultura”, do papel preponderante do professor universitário e da autonomia universitária, tendo confessado que o seu grande desiderato era a docência e a pesquisa, mas que não pôde deixar de responder ao chamamento para dirigir a Universidade do Minho como uma missão de serviço à cultura.

“... Os homens valem segundo a cultura que os enriquece e o lar da cultura é a Universidade. Nela se transmite a cultura, nela se aumenta com novas investigações, nela floresce em liberdade, nela se converte em formação dos espíritos...”

*Lúcio Craveiro da Silva, Extracto do discurso do Reitor da UM, de 18 de Fevereiro, 1984*

“... Em determinado sentido presenciamos, com tanta emoção e inquietude, o desenvolvimento de um soneto de Antero e a dinâmica da física quântica; uma sinfonia de Beethoven e a teoria de Einstein: em ambos ressaltam os frêmitos de uma liberdade transcendente, a agitar-se num quadro de irracional, que nos assombra.”

*Lúcio Craveiro da Silva, Ser Português, UM, Centro de Estudos Humanísticos, 2000, p.169*

“... Ser Universitário não é propriamente um simples emprego nem equivale, no rigor do termo a uma profissão. Ser Universitário é, acima de tudo, um serviço e uma vocação... O ideal universitário é a pesquisa constante e rigorosa do mistério do Homem e da Natureza...”

*Lúcio Craveiro da Silva, UM Boletim, n.º 90, (02-05-2001)*

“... É sobretudo do catedrático... que depende o fulgor e desenvolvimento da Universidade ou a sua ruína e decadência...”

À Universidade napoleónica, em que praticamente todo o seu financiamento e organização dependem não dela mas do poder central, só posso desejar... que Deus a livre de uma intervenção quando interessera, ideológica, corporativa, bisonha, tacanha, parcial ou pusilânime...”

*Lúcio Craveiro da Silva, UM Boletim, n.º 90, 2001*

“... Sempre preferi a vida privada de estudo, investigação e ensino. Queria ter passado na terra, livre com a brisa, sem compromissos que limitam... Mas tudo cai por terra quando, por uma inesperada série de circunstâncias, é a própria Universidade que nos chama; e o maior serviço que podemos prestar aos homens, nossos irmãos, no domínio da Cultura, é servir a Universidade...”

*Lúcio Craveiro da Silva, Extracto do discurso de posse de Reitor da UM, em 18-01-1982*

Em Junho de 2007, vi pela última vez o meu Reitor e saudoso amigo Professor Lúcio Craveiro, em Vila de Punhe, por ocasião da festa de bodas de ouro de sacerdócio do Professor Amadeu Torres. Parti depois para férias, longe de Braga, e estava longe de supor a sua perda iminente deste nosso mundo.

Ao reler os seus poemas do livro PÉGADAS NO CAMINHO<sup>12</sup>, impressionou-me de modo especial o seu poema intitulado SENHOR, que terá inspirado o nome do próprio livro.

A metáfora das pegadas no caminho é aí usada pelo autor para afirmar humildemente não saber o que “deixou para trás”, ao longo do caminho da sua vida, neste caso, eclesiástica. Para exemplificar, tomo a liberdade de aqui transcrever uma pequena parte desse comovente poema:

“...  
O barco que voga  
deixa ao menos um rasto,  
o homem que passa  
deixa ao menos as pegadas,  
o arado abre sequer um sulco...

Mas eu parti  
e não sei o que deixei para trás,  
a perder de vista,  
porque fiquei para sempre preso  
da voz com que me chamaste.  
...”

O que eu poderia assegurar ao Padre Lúcio e ao Professor Lúcio Craveiro da Silva, é que ele deixou as suas pegadas bem vincadas no caminho da vida, longo e fecundo. Que ele passou pelo tempo e o soube moldar com marcas indeléveis de sabedoria na sua passagem. E que ele ousou lançar as sementes de um pensamento vigoroso e profundo na obra que nos legou, fruto da sua grandeza, que hão-de germinar muito para além das gerações que iluminou.

## Notas

<sup>1</sup> In Revista Portuguesa de Filosofia, Tomo LII, 1996, Fasc. 1-4.

<sup>2</sup> Citação de Lúcio Craveiro da Silva em *20 anos de História da Universidade do Minho*, Braga, 1994, p. 55.

<sup>3</sup> "A ideia de juntar... a arqueologia à história proviria também da iniciativa urgente do salvamento das ruínas de Bracara Augusta em que em princípio andei envolvido. Conserva-se igualmente na Biblioteca a magnífica programação de "Cursos e Departamentos no domínio da História, de 17 de Setembro de 1974, cujo relator designado foi o Doutor José Mattoso...", citação de Lúcio Craveiro da Silva em *Bibliografia sobre a Universidade*, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, 2004, p. 191.

<sup>4</sup> Ver por exemplo, *Carlos Lloyd Braga, Um homem de fazer*, L. Chainho Pereira, ed. da Fundação Carlos Lloyd Braga, Maio de 2007, p. 60.

<sup>5</sup> O que se pode comprovar exemplarmente pela leitura das actas relevantes da CIUM.

<sup>6</sup> Em *Guia da Universidade 1984-1985*, Serviços de Reprografia e Publicações, Reitoria da Universidade do Minho.

<sup>7</sup> Vítor Aguiar e Silva, prólogo da publicação *20 anos de História da Universidade do Minho*, Braga, 1994.

<sup>8</sup> In Universidade do Minho, Relatório de Actividades, Reitoria, 1989, p. 33.

<sup>9</sup> Como nota de abertura de *Pégadas no Caminho*, Lúcio Craveiro da Silva escreveu: "Pégadas, no caminho da vida, são momentos ricos que passaram e permanecem vivos como testemunhas da caminhada. Conservei apenas algumas, quase ao acaso; as outras a maior parte, resolvi, bem ou a mal, apagá-las.

...

Pensei no entanto que recordaria melhor esses momentos que não podia esquecer inteiramente sem me empobrecer, conservando o rasto de algumas pégadas com maior interesse pessoal. Só para mim e para os meus amigos".

<sup>10</sup> Para detalhes sobre as conferências proferidas, ver FORUM 31, Jan-Jun 2002, p. 5-7.

<sup>11</sup> *Carlos Lloyd Braga, Um Homem de fazer*, Licínio Chainho Pereira, Fundação Carlos Lloyd Braga, p. 118-119.

<sup>12</sup> *PÉGADAS NO CAMINHO*, Lúcio Craveiro da Silva, Braga, 1976.